

RELAÇÃO EXPERIÊNCIA-SABER NA FORMAÇÃO DOCENTE: PROPOSIÇÕES A PARTIR DE CONTRERAS DOMINGO

ROBERTO BARBOSA COSTA FILHO

Universidade de Pernambuco (UPE), Petrolina, Pernambuco, Brasil

IRACEMA CAMPOS CUSATI

Universidade de Pernambuco (UPE), Petrolina, Pernambuco, Brasil

RESUMO: O objetivo deste texto é refletir sobre a relação experiência e saber intencionada por José Contreras Domingo em suas discussões sobre formação e desenvolvimento profissional docente, a fim de identificar as suas proposições e reunir as ações por ele indicadas para possibilitar a concretização desse empreendimento. Para isso, adota a perspectiva do ensaio, para o desenvolvimento de argumentos através da experimentação, do questionamento e da reflexão sobre o objeto em estudo (Paviane, 2009). Reporta uma leitura interpretativa de alguns dos escritos do autor, produzidos tanto individual como coletivamente, que tecem considerações sobre a construção de um espaço formativo para as licenciaturas que se materialize *a partir da* e *para* a experiência. Percebe-se que esse ideário visa ao (re)alinhamento do que deva moldar o contexto educacional, através do necessário destaque a seus(suas) protagonistas e à maneira como eles(as) sentem e dão sentido à formação. Assim, propõe-se ações voltadas à escrita da experiência, à aprendizagem pessoal e à aula como lugar de relações.

PALAVRAS-CHAVE: Contreras Domingo; Experiência-saber; Formação Docente.

INTRODUÇÃO

José Contreras Domingo é doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Málaga e Professor Titular da Universidade de Madrid. Ele tem se dedicado, especialmente, a pensar a educação enquanto experiência, estabelecendo considerações pertinentes quanto a importância dessa proposta para a formação e desenvolvimento profissional de professores(as). As contribuições do autor têm reverberado tanto no contexto dos cursos de licenciatura, com particular atenção à disciplina Didática, como na pesquisa sobre o fazer pedagógico. À vista disso, este trabalho pretende refletir sobre a relação experiência e saber intencionada em suas discussões sobre formação docente, a fim de identificar as suas proposições e reunir as ações por ele indicadas para possibilitar a concretização desse empreendimento. Para isso, adota a perspectiva do ensaio, com a recuperação de leituras interpretativas de alguns de seus textos, seja em escrita individual, seja em produção colaborativa com outros(as) pesquisadores(as), publicados em periódicos científicos e em livros.

Compreendemos que as proposições elencadas tendem a contribuir para uma formação que conduza à autonomia docente, por meio da aquisição de aspectos inerentes à profissionalidade e a impulsão de intelectuais críticos, mediada pela construção de significados próprios e singulares quanto às vivências construídas em

contexto formativo. Acreditamos na potencialidade desse ideário para a superação dos desafios epistemológicos, políticos e profissionais inerentes ao cenário educacional das licenciaturas, considerando os diferentes cerceamentos causados por políticas públicas de controle e avaliações externas. Assim, as reflexões aqui trazidas justificam-se pela pertinência de tentar buscar outros modos de pensar a profissionalidade do professor, principalmente em contexto de formação inicial, tendo em vista também as fragilidades, falta de inovações e avanços de muitos cursos brasileiros (Gatti, 2014; 2016).

De maneira preponderante, Contreras Domingo tem defendido a necessidade de repensar a formação de professores(as), realocando-a como um espaço mais humano e acolhedor que deva ser vivenciado a partir da e para a experiência (Contreras Domingo 2010; 2013a; 2013b; Contreras Domingo; Orozco Martínez, 2016). Esse pensamento está sustentado nas premissas de que 1) a ação educativa busca (ou deve buscar) a experiência, ou seja, é (ou deveria ser) vivida como experiência, como algo a pensar; e 2) só é possível compreender a realidade educativa em seu âmbito pedagógico por meio da experiência, isto é, através de como é vivida por seus(suas) protagonistas, compreendendo os significados por eles(as) construídos, aquilo que lhes proporcionou pensar (Contreras Domingo; Pérez de Lara Ferré, 2010).

Com esse ponto de vista, o autor redireciona o saber que (ou com que) ensinamos, a partir da perspectiva daquilo que pode ser experienciado por si mesmo. Um saber que se distancia do conhecimento academicamente estabelecido e da própria dicotomia teoria-prática. É um saber que precisa fundar-se no pensamento sobre as relações despertadas, provocadas, removidas, perturbadas ou confirmadas sobre quem somos e sobre o que ensinamos (Contreras Domingo, 2010). Assim, o saber da experiência é defendido pelo autor como um saber pedagógico pessoal, iluminado pelos novos significados, pelas novas possibilidades e pelos novos caminhos que surgem do pensar sobre a experiência. Essa discussão, por conseguinte, corrobora e amplia tantas outras traçadas na literatura científica nacional e internacional sobre o saber experiencial na formação docente (cf. Pimenta, 2002; Nóvoa, 1997; Tardif, 2002, etc.).

Diante desse cenário, para concretização dos interesses deste trabalho, organizamo-lo da seguinte maneira: após esta introdução, indicamos um rápido tratamento metodológico conferido à construção proposta; em seguida, apresentamos algumas discussões sobre a experiência em contexto educacional, no que se refere à defesa do pesquisador quanto à oportunidade do sentir e do dar sentido à formação, e tecemos considerações a respeito do saber da experiência, indubitavelmente construído por meio dos(as) protagonistas da educação; logo após, através dos apontamentos elencados, indicamos proposições relativas à relação experiência-saber para a formação docente; por último, externamos algumas palavras de conclusão e listamos as referências citadas.

CAMINHOS TRAÇADOS NESTE TEXTO

Nos caminhos que buscamos traçar com esse texto, enveredamos pelo viés do ensaio, compreendendo-o como uma possibilidade para o desenvolvimento de

argumentos através da experimentação, do questionamento, da reflexão e da crítica ao objeto em estudo, a fim de clarificar mediações que se mostraram possíveis em nossos movimentos de estudo (Paviani, 2009). Longe de querermos esgotar a discussão, pretendemos apenas o compartilhamento de nossas interpretações para a temática em foco, em um julgamento pessoal e argumentativo (Brasileiro, 2024).

Apesar da liberdade de forma que esse tipo de texto parece oferecer, entendemos que o rigor científico, metodológico e reflexivo torna-se imprescindível para a materialização de um ensaio (Paviani, 2009). Com isso em mente, percorremos por algumas das obras de Contreras Domingo, desde as mais seminais (como *La autonomía del profesorado*, de 1997) até algumas um pouco mais recentes (como *Tener historias que contar: profundizar narrativamente la educación*, de 2016, e *Una pedagogía narrativa para la formación del profesorado*, de 2019), que nos chegaram pela vida e nos possibilitaram vivenciar interessantes experiências de leitura. Tais obras também se encontram aqui por serem recorrentemente citadas, seja na literatura científica nacional, seja na internacional, o que indica impacto na construção de um pensamento educacional contemporâneo.

Baseando-nos em tais textos, realizamos uma leitura interpretativa, a fim de identificar as proposições do autor quanto as relações entre experiência e saber, sistematizando-as por meio da reunião de ações possíveis para a concretização desse empreendimento. Imaginamos que a sistematização apresentada possa contribuir na aferição de implicações para cursos de licenciatura, especialmente no Brasil, em prol de outros paradigmas para a formação de professores(as). Assim, traçamos caminhos de compreensão dos pressupostos teóricos expostos por Contreras Domingo, quanto à experiência, ao saber da experiência e à formação docente, para, em seguida, realçar ações por ele indicadas que, possivelmente, transformariam a perspectiva de formação.

A EDUCAÇÃO ENQUANTO EXPERIÊNCIA E O SABER DA EXPERIÊNCIA

Para Contreras Domingo e Pérez de Lara Ferré (2010), a experiência interrompe nossas previsibilidades e saberes adquiridos, nos movendo em direção a sentidos para algo que ainda não tínhamos, ou, pelo menos, não havíamos encontrado. Isso demanda de nós “estarmos envolvidos em um fazer, em uma ação, estarmos imersos no mundo que nos chega, que nos implica, que nos compromete, ou, às vezes, que nos exige e impõe” (Contreras Domingo; Pérez de Lara Ferré, 2010, p. 26, tradução nossa).

Dessa forma, é válido esclarecer que, nas proposições elencadas, a experiência não é um simples sinônimo de prática (um fazer, uma ação). A experiência, de maneira particular, está relacionada ao modo como determinado acontecimento é significado, em uma atitude de questionamento e escuta. Ou seja, é um “acontecimento singular que é vivido e significado subjetivamente, que não se deixa generalizar facilmente, que permeia o nosso ser e que deve sempre estar aberto à pergunta por seu sentido, por seu significado, pelo valor sobre aquilo que é vivido” (Contreras Domingo, 2013b, p. 4, tradução nossa).

A experiência está relacionada à suspensão de nossas previsões e “certezas”, tendo em vista que requer de nós parar e pensar. Contudo, como esclarece Contreras Domingo (2016a), não se trata de uma curiosidade intelectual, ou de um enigma a ser resolvido. É, necessariamente, a nossa realidade presente, afetando e tocando muitas

dimensões de nosso ser. Ao mesmo tempo, a experiência sugere multiplicidade e ambivalência de significados, o que inclui mistérios e incógnitas, e é isso que nos faz pensar nela, explorá-la, indagá-la. É, assim, “pensar com ela, ou pensar a partir dela” (Contreras Domingo, 2016a, p. 21, tradução nossa).

Pensar a educação enquanto experiência, portanto, é oportunizar esse movimento de pensamento e reflexão quanto ao que nos acontece, nos implica e nos afeta, gerando-nos saber. Como tal, defende o autor que o compartilhamento narrativo da experiência educativa, ao viabilizar pensar no processo de viver a educação, torna-se um ato de sensibilidade, aprendizagem e formação, ao mesmo tempo em que nos permite maravilhar-se com o mundo, com o que nos despertam as situações com as quais nos deparamos e que nos oferecem incorporar um sentir (Contreras Domingo, 2016b).

Ao assumir tal perspectiva, Contreras Domingo (2010) chama a atenção para dois aspectos fundamentais: 1) é preciso repensar, no contexto de formação docente, a relação entre o saber oferecido e a própria constituição do ser professor; e 2) é necessário permitir que a formação docente seja, efetivamente, esse espaço de experiência. Quanto ao primeiro aspecto, o autor questiona a natureza dos saberes necessários à formação docente, refletindo se estes estão permitindo viver experiências de transformação. Assim, assume a defesa de que: “o saber que necessitamos para viver (e para vivermos como docentes) é aquele que está unido a nós, que nos constitui, que faz corpo conosco, que temos in-corporado” (Contreras Domingo, 2010, p. 63, tradução nossa).

No que se refere ao segundo aspecto, o autor explana a possibilidade e, em certa medida, a necessidade de os espaços formativos de professores (e a formação docente, propriamente dita) constituírem-se enquanto experiência. Na concepção apoiada, deve ser espaço aberto para sentir o que nos afeta, nos implica subjetivamente e nos transforma. Deve incluir, por isso mesmo, a abertura de “oportunidade a outras formas de saber e outras formas de relação com o saber; como também abre oportunidade a um pensar-se, a outras formas de relação consigo mesmo, como fonte em si de saber e de ser” (Contreras Domingo, 2010, p. 63, tradução nossa).

A partir desse conjunto de ideias, Contreras Domingo (2010) argumenta que o saber que (ou com que) ensinamos deve ser redirecionado à perspectiva daquilo que pode ser experienciado por si mesmo. Isto é, um saber fundamentado nas relações despertadas, provocadas, removidas, perturbadas ou confirmadas sobre quem somos e sobre o que ensinamos. Como preconiza o pesquisador, um experiência-saber, estabelecido um com o outro, e nunca de modo separado. Por ser assim, distancia-se daquele conhecimento estabelecido academicamente e da dicotomia teoria-prática que muitas vezes permeia os contextos de formação de professores(as).

Posto isto, o saber da experiência apresenta qualidades especiais, pois sua formulação não se dá de forma simples, tampouco é teórico ou pode ser teorizável facilmente, mas é, em essência, um saber pedagógico (Contreras Domingo; Pérez de Lara Ferré, 2010). É um saber que nasce da “disposição para a experiência”, isto é, de uma abertura para que coisas possam nos chegar, afetar, dizer e interrogar sobre o que nos sucede, ao mesmo tempo em que se materializa na tensão entre o que vivemos e o

sentido educativo que esse viver pode nos impulsionar (Contreras Domingo; Orozco Martínez, 2016).

Assim, o saber da experiência nasce da pergunta sobre o que acontece à pessoa, a partir dos acontecimentos que vive em suas experiências educativas, compreendidas como vivas e permeadas de uma dimensão pessoal (Contreras Domingo; Quiles-Fernández; Paredes Santín, 2020). Como pontuado por Contreras Domingo (2013a), esse saber é paradoxal, em vista que, ao mesmo tempo, 1) é firmado pelo que é vivido e fornece uma orientação para a ação em realização, mas 2) é sempre nascente e em renovação. Com base em tais noções, o saber da experiência fornece aquilo que é genuinamente pedagógico:

ajuda a vivermos em sua novidade as circunstâncias mutáveis da nossa tarefa educativa, abertos às questões que despertam em nós aquelas pessoas com quem fazemos o nosso trabalho, e os acontecimentos que partilhamos, bem como abertos à pergunta sobre as transformações necessárias para uma educação mais atenta à realidade e às suas circunstâncias (Contreras Domingo, 2013a, p. 129, tradução nossa).

O saber da experiência é, assim, um modo de cultivo de uma relação com o que vivemos e que nos ocasiona maior consciência e orientação na tarefa educativa (Contreras Domingo, 2016a). Configura-se, por isso, em confluência com distintos elementos, tais como as eventualidades e histórias pessoais, as práticas e experiências, as condições institucionais e os processos de autorreflexão desenvolvidos ao longo do emaranhado de vivências e das buscas por conscientizar-nos e mover-nos diante disso (Contreras Domingo; Orozco Martínez, 2016).

Importante ressaltar que esse movimento de construção do saber da experiência leva consigo também dificuldades e consequências pedagógicas, pois, ao possibilitar a interrogação, abre espaço para questionar-se com relação ao que oferece a seus estudantes e ao que possibilita compartilhar com eles (Contreras Domingo, 2013a). Ou seja, estamos diante da possibilidade de (re)construir os significados do que vivemos e somos, o que implica reconhecer as nossas limitações e fragilidades na tarefa educativa, no que se refere, inclusive, às relações socioemocionais traçadas nos contextos formativos.

Mas, talvez seja por meio de tal perspectiva que se torne possível uma concretização da autonomia do(a) professor(a), tendo em vista a necessidade de ser constituída através da consciência sobre o fazer, sobre o ser e sobre a própria educação em sociedade, numa contínua superação do fazer instrumental que qualifique à docência sua conotação de atividade intelectual, com responsabilidade social (Contreras Domingo, 1997). Tal compreensão parece dialogar diretamente com o pensamento freiriano, quanto à educação como prática de liberdade, tendo o professor o papel de mediador do diálogo em uma relação horizontal entre professor-aluno (Freire, 1987).

Por esses vieses, temos a necessidade de a formação de professores(as) buscar a constituição de sujeitos críticos, capazes de interpretar e transformar a prática educativa. Ao desejar promover a autonomia profissional, precisa possibilitar espaços que vão além da aquisição de instrumentos técnicos e teóricos. É imperativo que a formação esteja aberta à possibilidade de construção de sentidos quanto ao que é vivenciado e dos elos

que podem ser cultivados a partir de tais vivências, assumindo os paradoxos e as tensões que permeiam a educação.

É válido salientar que a relação experiência-saber na formação docente é central nas produções de outros pesquisadores, como Pimenta (2002), Tardif (2002), Nóvoa (1997), por exemplo; pois demonstram, a partir de suas investigações, como os saberes experienciais, construídos na prática cotidiana, interagem com os conhecimentos teóricos (da formação inicial e continuada), constituindo uma base única de saberes profissionais. Por se tratar de uma relação reflexiva, dinâmica e plural, a transformação do saber em ação pedagógica é atravessada essencialmente pela experiência singular do sujeito do processo.

Por todo o exposto, reconhecemos a experiência como um acontecimento pedagógico em constante fluxo e como um modo de viver a docência com autonomia, que se demarca pela possibilidade de relacionamento respeitoso com as pessoas e com seus processos de aprendizagens (Contreras Domingo, 2013a). Com base em tais provocações, apresentamos, na seção seguinte, algumas proposições apresentadas pelo pesquisador que vislumbram um caminho possível para a efetivação da relação experiência-saber na formação de professores(as).

PROPOSIÇÕES DA RELAÇÃO EXPERIÊNCIA-SABER PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Ao tecer suas considerações quanto à relação experiência-saber, Contreras Domingo (2013a) reconhece três implicações para a formação docente: 1) é preciso dar importância ao saber da experiência de professores(as) que mostram sensibilidade pedagógica para o trabalho para e a partir da experiência; 2) é necessário reconhecer que o saber da experiência não se transmite ou se comunica, mas, sim, é um saber e um modo de saber que se cultiva, através das vivências oportunizadas; 3) é fundamental partir das vivências e experiências já trazidas e incorporadas pelos(as) estudantes, a fim de considerá-las e prosseguir para ir além delas.

Nessas relações, torna-se vital fazer com que a formação de professores(as) não fique aprisionada à polarização teoria e prática, uma vez que é imprescindível reconhecer que, no ato pedagógico, existe uma ampla gama de saberes que se relacionam entre si e, por isso, é fundamental considerar as vinculações entre ser e saber como questão central do processo formativo (Contreras Domingo, 2013a). Sendo assim, cabe a esse processo formativo fazer com que os(as) estudantes realizem “suas próprias reflexões a respeito do que sabem e do têm, a respeito do que isso lhes permite pensar sobre si, o que lhes possibilita que algo surja como sentido próprio” (Contreras Domingo, 2010, p. 70, tradução nossa).

Por essa razão, o autor põe em destaque que, em um fazer concreto, existem também dificuldades, problemas e tensões (Contreras Domingo, 2013b; Contreras Domingo; Orozco Martínez, 2016). Ou seja, a formação de professores(as) materializa-se por meio de muitas facetas e dimensões, que não podem ser ignoradas ou mantidas em segundo plano, das quais destacam-se as características que moldam o próprio trabalho educativo:

[...] mostrar o que os conhecimentos externos podem ou não nos proporcionar, autorizar (e nos autorizar) a desenvolver e expressar um saber próprio; ajudar a ver o que a nossa própria experiência pode nos proporcionar como perspectiva educativa; reconhecer a própria história por trás dos modos de agir e pensar; ousar buscar em nós mesmos o que queremos da nossa vida como educadores e educadoras; criar condições para podermos manter conversas com diferentes correntes de pensamento e de experiências sem perder a conexão íntima com as nossas próprias histórias e com o que nos interessa, nos inquieta ou que desejamos; reelaborar nossos sistemas de segurança sem nós perdermos, mas sem colocar tudo em referências externas (Contreras Domingo; Orozco Martínez, 2016, p. 17, tradução nossa).

As características destacadas demonstram a complexidade envolvida no contexto de formação de professores(as), posto que muitas questões internas e externas atravessam as vivências e nos cobram um agir para proporcionar relações que ampliem as concepções e os significados construídos tanto pelo(a) professor(a) quanto pelos(as) estudantes. Com esse entendimento, Contreras Domingo pondera que o espaço de formação deva transformar-se em ambiente aberto aos acontecimentos que, de alguma maneira, nos impliquem um pensar. Isso quer dizer que, para o autor, é importante “[...] que o espaço educativo seja um lugar em que possa acontecer algo a eles (meus estudantes) e a mim. Porque isto é o educativo: aquilo que lhe chega, lhe aponta, lhe significa e lhe move a fazer algo com isso” (Contreras Domingo, 2013b, p. 4, tradução nossa).

Na procura pela constituição de uma formação a partir da e para a experiência, Contreras Domingo (2010; 2013b) enumera três modos adotados em suas próprias práticas docentes que são capazes de mediar tal desejo, a saber: a escrita da experiência, a aprendizagem pessoal e a aula como lugar de relações. Com relação ao primeiro deles, a escrita da experiência, define o autor como algo que deva estar no centro da tarefa docente. Isso porque escrever sobre si e buscar entender-se nas situações educativas, indagando-se sobre os significados e as transformações vivenciadas, nos permite o exercício do pensamento e, conseqüentemente, o clareamento dos sentidos da experiência, daquilo que também pode nos servir como inspiração no fazer pedagógico. Essa escrita pode ser manifestada a partir de diários de aula (Contreras Domingo, 2013b) ou de relatos de experiência (Contreras Domingo, 2016a), em prol de explorar-se e entender-se nas situações vivenciadas (Contreras Domingo, 2013b), bem como de aprofundar narrativamente a educação e o saber pedagógico (Contreras Domingo, 2016b).

Por meio de uma escrita reflexiva, os diários de aula tomam por base o compromisso de o(a) estudante escrever, com diversidade de formas e total liberdade de conteúdo, um texto sobre cada aula, tendo por primazia a característica primordial de um diário, qual seja, mostrar relação, intimidade, com o que se relata (Contreras Domingo, 2013b). Os relatos de experiências, por sua vez, possibilitam, através da narração, uma forma de olhar, elaborar e expressar a experiência; ao mesmo tempo, permitem que, ao relatar, se viva uma nova experiência, ou seja, “um modo de dar forma ao que é vivido para prestarmos atenção às questões que, através do narrar, se revelam como aquelas que requerem atenção, desenvolvimento, exploração, investigação”

(Contreras Domingo, 2016a, p. 16, tradução nossa). Isso impõe, em particular, a abertura para que estejamos a “pensar com” as narrativas, de modo a vermos com outros olhos aquilo que experimentamos e a sermos afetados por elas de modo existencial¹.

O segundo modo, a aprendizagem pessoal, está diretamente relacionado com a possibilidade de realizar algo próprio com o que nos chega. Por isso mesmo, segundo o autor, a formação deve promover momentos de provocações quanto às experiências, de contraste com experiências já incorporadas pelos(as) estudantes e de construção de saberes (Contreras Domingo, 2010). Essa concepção está relacionada à necessidade de representarmos a nossa própria voz, aquilo que somos. Essa aprendizagem pessoal, contudo, deve materializar-se também como aprendizagem deliberativa, já que o compartilhamento das várias vozes que manifestam o contexto institucionalizado podem possibilitar discussões com o intuito de decidir ou construir reflexões coletivas (Contreras Domingo, 2013b).

Sendo assim, as pretensões do autor para tal proposição dizem respeito à possibilidade de sermos professores(as) e estudantes com vozes próprias, e não somente como representantes das expectativas impostas pelas instituições. Nessa perspectiva, cabe ao(à) professor(a) a responsabilidade de encaminhar as perguntas necessárias para a compreensão do que está por trás da decisão de querer ser docente, ao passo que cabe aos(às) estudantes a assunção do fazerem-se professores e professoras, encontrando uma forma pessoal para essa tarefa. Isso tudo através do que chega como novidade, do que implica sentidos, dos saberes que são constitutivos das experiências.

Já o terceiro modo, a aula como lugar de relações, se concretiza a partir das relações “entre o que dizemos e o que fazemos, entre o que pensamentos nós e os outros, entre os novos aportes de outras experiências e saberes e o pensamentos e sentimentos; poder relacionar o que entendo e o que queria o professor, o que ocorre em aula e o que isso me sugere” (Contreras Domingo, 2010, p. 77, tradução nossa). Em outras palavras, é preciso cuidar do espaço cotidiano de sala de aula e lembrar que ali se constroem muitas relações, tendo em vista que as personalidades se encontram presentes e podem ser afloradas a partir do favorecimento de um falar sobre si, expor-se, em um ato de cuidado e confiança (Contreras Domingo, 2013b).

Isso porque a sala de aula deve ser um espaço que esteja aberto também para a vivência cotidiana. Por tal, advoga o autor, essa sala de aula deve ser compreendida como um lugar para relacionar e ampliar ideias, experiências, leituras, ações, a partir de quem somos, do que podemos oferecer, sem sermos julgados. Tudo isso deve ser manifestado por meio de uma troca constante de confiança (Contreras Domingo, 2010; 2013b).

Portanto, as três proposições apresentadas por Contreras Domingo – escrita da experiência, aprendizagem pessoal e aula como lugar de relações – trazem implicações para uma formação docente que seja e esteja mais sensível às suas práticas e às possibilidades de construção de sentidos ao longo do percurso acadêmico. Também é possível concluir que o desenvolvimento profissional envolve todas as experiências de aprendizagem vivenciadas em vários momentos de formação e que, por meio das relações experiência-saber, o autor acalenta uma forma de viver a formação e promove a

compreensão de um repertório essencial para o desenvolvimento profissional docente, ressignificando o modo de tornar-se professor(a) atento(a) ao questionamento e à escuta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscamos refletir sobre a relação experiência e saber intencionada por José Contreras Domingo em suas discussões sobre formação e desenvolvimento profissional docente, a fim de identificar as suas proposições e reunir as ações por ele indicadas para possibilitar a concretização desse empreendimento. Para isso, a partir de uma escrita ensaísta, recuperamos leituras de alguns de seus textos, produzidos tanto individual como coletivamente, em busca de tecer reflexões sobre a construção de um espaço formativo que se materialize a partir da e para a experiência. Esse ideário é concretizado, predominantemente, por meio de um (re)alinhamento do que deva moldar o contexto educacional, através do necessário destaque a seus(suas) protagonistas e à maneira como eles(as) sentem e dão sentido à formação.

Com base nisso, exploramos algumas proposições do autor, considerando um fazer concreto que se manifesta através de muitas facetas e dimensões, dentre as quais também se encontram dificuldades, problemas e tensões, mas que deve proporcionar um ambiente aberto aos acontecimentos que, de alguma maneira, nos implicam e nos fazem pensar. É por essa direção que caminham as propostas apresentadas por Contreras Domingo de escrita da experiência, aprendizagem pessoal e aula como lugar de relações, especificadas ao longo de nossas discussões, como modos de transformar a formação docente.

Ao ressonar que a docência deve ser compreendida como uma prática crítica e comprometida com a transformação social, a partir da autonomia e da reflexão do(a) professor(a), como defendem educadores como Contreras Domingo e Freire, acreditamos que o lugar da formação docente precisa ser (re)formulado em prol de uma educação democrática, crítica e reflexiva. Diante disso, concordamos que: “Aprender a ser professor tem mais a ver com o que se faz do que com o que se diz e, em qualquer caso, o que se diz tem que acompanhar o que se faz, abrindo espaço para esse fazer e para a possibilidade de um novo fazer” (Contreras Domingo, 2013b, p. 22, tradução nossa²), pois tornar-se professor(a) é, em suma, um modo de vida que se concretiza baseado em quem somos e em quem vamos nos tornando nesse processo permanente de aprendizagem da docência.

Ao estabelecer a importância do saber da experiência para a formação docente, a voz de Contreras Domingo vai de encontro a tantas outras que de igual modo enfatizam a necessidade de redimensionar os saberes profissionais docentes (como Freire, 1987; Pimenta, 2002; Nóvoa, 1997; Tardif, 2002). Portanto, as proposições aqui apresentadas devem ser motivo de um agir concreto, e não somente de um discurso propalado. Reconhecemos, com isso, a necessidade de defesa de uma formação docente vivenciada a partir do que os(as) estudantes são, do que têm e do que estão dispostos a compartilhar. É assim que a experiência toma forma no processo formativo e possibilita um saber baseado nos sentidos que se constroem e reconstroem. Por isso, através do exposto, cremos ser possível conduzir a formação para a busca da autonomia docente, em meio à profissionalidade de intelectuais críticos.

Artigo recebido em: 23/05/2025
Aprovado para publicação em: 11/03/2026

THE EXPERIENCE-KNOWLEDGE RELATIONSHIP IN TEACHER TRAINING: PROPOSITIONS BASED ON CONTRERAS DOMINGO

ABSTRACT: This text aims to reflect about the relationship between experience and knowledge based on José Contreras Domingo's discussions about teacher training and professional development, in order to identify his propositions and compile the actions He suggests to facilitate the realization of this endeavor. To this end, it adopts the perspective of the essay, for the development of arguments through experimentation, questioning, and reflection on the object under study (Paviane, 2009). It reports readings of some author's writings produced both individually and collectively, in an attempt to establish considerations concerning to the construction of a formative context for undergraduate courses that materializes from and for the experience. It is evident that this body of ideas aims at the (re)alignment of what should shape the educational context, through the necessary emphasis on its protagonists and the way they feel and give meaning to training. Thus, it proposes actions focused on writing about experience, personal learning, and the classroom as a space for relationships.

KEYWORDS: Contreras Domingo; Experience-knowledge; Teacher Training.

RELACIÓN EXPERIENCIA-SABER EN LA FORMACIÓN DOCENTE: PROPOSICIONES A PARTIR DE CONTRERAS DOMINGO

RESUMEN: El objetivo de este texto es reflexionar sobre la relación experiencia y saber propuesta por José Contreras Domingo en sus discusiones sobre formación y desarrollo profesional docente, con el fin de identificar sus propuestas y reunir las medidas que él indica para hacer posible la consecución de este propósito. Para ello, adopta la perspectiva del ensayo, para el desarrollo de argumentos a través de la experimentación, el cuestionamiento y la reflexión sobre el objeto de estudio (Paviane, 2009). Presenta una lectura interpretativa de algunos escritos del autor, producidos tanto de manera individual como colectiva, con el objetivo de elaborar consideraciones sobre la construcción de un espacio formativo para las licenciaturas que se materialice desde y para la experiencia. Se percibe que este ideario se concreta a través de una (re)alienación de lo que debe moldear el contexto educativo, a través del necesario énfasis en sus protagonistas y en la manera en que ellos (as) sienten y dan sentido a la formación. Así, se proponen acciones orientadas a la escritura de la experiencia, al aprendizaje personal y a la clase como lugar de relaciones.

PALABRAS CLAVE: Contreras Domingo; Experiencia-saber; Formación Docente.

NOTAS

1- No Brasil, muitas pesquisas têm sido compartilhadas com relação ao uso de narrativas para formulação e/ou compreensão da experiência. Algumas delas podem ser reconhecidas, por exemplo, na Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab>).

2- No original: "Aprender a ser profesor tiene que ver más con lo que se hace que con lo que se dice y, en todo caso, lo que se dice tiene que venir al lado de lo que se hace, abriendo espacio a ese hacer y a la posibilidad de un nuevo hacer" (Contreras Domingo, 2013b, p. 22).

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por meio de concessão de bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ).

REFERÊNCIAS

BRASILEIRO, A. M. M. **Como produzir textos acadêmicos e científicos**. 1. ed., 2. reimpr., São Paulo: Contexto, 2024.

CONTRERAS DOMINGO, J. **La autonomía del profesorado**. Madrid: Ediciones Morata, 1997.

CONTRERAS DOMINGO, J. Ser y saber en la formación didáctica del profesorado: una visión personal. **Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado**, Zaragoza, v. 24, n. 2, p. 61-81, ago. 2010. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/335224078>. Acesso em: 30 jun. 2024.

CONTRERAS DOMINGO, J. El saber de la experiencia en la formación inicial del professorado. **Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado**, Zaragoza, v. 27, n. 3, p. 125-136, set./dez. 2013a. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/274/27430309008.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2024.

CONTRERAS DOMINGO, J. Experiencia, escritura y deliberación: explorando caminos de libertad en la formación didáctica del profesorado. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 38, n. 1, p. 1-35, 2013b. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/25126>. Acesso em: 15 ago. 2024.

CONTRERAS DOMINGOS, J. Relatos de experiencia, en busca de un saber pedagógico. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 14-30, 2016a. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2518>. Acesso em: 15 ago. 2024.

CONTRERAS DOMINGO, J. Tener historias que contar: profundizar narrativamente la educación. **Roteiro**, [s. l.], v. 41, n. 1, p. 15-40, 2016b. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9259>. Acesso em: 15 ago. 2024.

CONTRERAS DOMINGO, J.; PÉREZ DE LARA FERRÉ, N. La experiencia y la investigación educativa. *In*: CONTRERAS DOMINGO, J.; PÉREZ DE LARA FERRÉ, N. (comps.). **Investigar la experiencia educativa**. Madrid: Ediciones Morata, 2010. p. 21-86.

CONTRERAS DOMINGO, J.; OROZCO MARTÍNEZ, S. Explorando el saber pedagógico em nuestras clases. *In*: CONTRERAS DOMINGO, J. (comp.). **Tensiones fructíferas: explorando el saber pedagógico en la formación del profesorado. Uma mirada desde la experiencia**. Barcelona: Octaedro, 2016. p. 11-31.

CONTRERAS DOMINGO, J.; QUILES-FERNÁNDEZ, E.; PAREDES SANTÍN, A. La indagación narrativa en la formación inicial del profesorado: de la escuela a la universidad. *In*: LINDÍN, C. *et al.* (Ed.). **Llibre d'actes de la I Conferència Internacional de Recerca en Educació**. Educació 2019: reptes, tendències i compromissos. Albacete: LiberLibro, 2020. p. 176-183. Disponível em: https://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/164579/1/actes_proceedings_ired_19.pdf. Acesso em: 07 nov. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GATTI, B. A. A formação inicial de professores para a educação básica: as licenciaturas. **Revista USP**, São Paulo, n. 100, p. 33-46, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76164>. Acesso em: 18 nov. 2024.

GATTI, B. A. Formação de professores: condições e problemas atuais. **Revista Internacional de Formação de Professores**, Itapetininga, v. 1, n.2, p. 161-171, 2016. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/view/716/345>. Acesso em: 18 nov. 2024.

NÓVOA, A. (org.). **Os professores e a sua formação**. 3. ed. Tradução: Graça Cunha, Cândida Hespanha, Conceição Afonso e José António Sousa Tavares. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

PAVIANI, J. O ensaio como gênero textual. In: Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, V., 2009, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: V SIGET, 2009. p. 1-6. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor/arquivos/o_ensaio_como_genero_textual.pdf. Acesso em: 13 mar. 2026.

PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2002.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ROBERTO BABOSA COSTA FILHO: Possui graduação em Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e mestrado em Linguagem e Ensino, ambos pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutorado em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPPI), da Universidade de Pernambuco (UPE). É Professor Assistente e Coordenador do Curso de Letras Português/Espanhol da UPE *Campus Petrolina*.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3339-0124>

E-mail: roberto.barbosa@upe.br

COSTA FILHO, R. B.; CUSATI, I. C.

IRACEMA CAMPOS CUSATI: Licenciada e Bacharel em Matemática pela Universidade Federal de Viçosa (1992), Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (1999) e Doutora na área de Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares pela Faculdade de Educação da USP (2013). Pós-doutora em Investigação e Docência Universitária pelo Instituto de Educação Superior Latinoamericano (2022). Professora Adjunta do Colegiado de Matemática da UPE *Campus* Petrolina e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI) da UPE. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4812-8412>

E-mail: iracema.cusati@upe.br

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution*4.0, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).